

O ARTIFÍCIO DA CONSTRUÇÃO EM ABISMO NAS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR

*THE ARTIFACT OF MISE EN ABYME CONSTRUCTION IN
NARRATIVES OF CLARICE LISPECTOR*

Altamir Botoso

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

E-mail: abotoso@uol.com.br; abotoso@uems.br

ORCID iD: 0000-0003-3231-2351

ALONSO, Mariângela. **O jogo dos espelhos na ficção de Clarice Lispector**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017. 256p.

A pesquisadora Mariângela Alonso tem se dedicado ao estudo da *mise en abyme*, publicando diversos artigos sobre esse assunto, dentre os quais destacamos “Um caleidoscópio de baratas: a narrativa especular de Clarice Lispector” (2012), “Confusões de escala e espelhamentos em *Instantâneo da desmedida*, de Vilma Arêas” (2021), “O espelhamento na ficção do século XX” (2022); organizou o dossiê “*Mise en abyme* na literatura e nas outras artes” para a revista *Falas Breves* (2024a) e publicou o livro *Mulheres em abismo: a personagem em Marques Rebelo* (2024b).

A obra *O jogo dos espelhos na ficção de Clarice Lispector* foi, originalmente, sua tese de doutorado, defendida no ano de 2015, na Unesp de Araraquara-SP e, conforme se lê na apresentação do referido volume, trata-se de uma “pesquisa que rastreou livros, jornais e revistas [...] para estabelecer e [...] estudar minuciosamente, a história de alguns dos mais importantes textos que Clarice Lispector, por meio de retomadas e reescritas, dedicou às baratas” (Franco Junior, 2017, p. 13). Está dividida em quatro capítulos e conta com uma apresentação, elaborada por Arnaldo Franco Junior e um prefácio, escrito por Aparecida Maria Nunes.

Na introdução, Alonso esclarece que seu livro inscreve-se na área de estudos sobre a intertextualidade e tem como foco a compreensão do procedimento narrativo da *mise en abyme* nos seguintes textos de Clarice Lispector: “Meio cômico, mas eficaz”, “Receita de assassinato (de baratas)”, “A quinta

história” e *A paixão segundo G.H.*, desvelando uma escrita marcada pela técnica mencionada.

A estudiosa afirma que a construção do texto clariciano provém da montagem de achados e perdidos, resíduos de linguagem encaixados nas crescentes multiplicações textuais. Dessa maneira, o jogo especular da *mise en abyme* reflete-se na repetição de temas que se entrecruzam pelas suas escritas, breves ou longas, e assim, capítulos inteiros de romances surgem metamorfoseados em artigos de jornais, “permeando a escritura com diálogos internos, endogâmicos” (Alonso, 2017, p. 21).

As duas crônicas, “Meio cômico, mas eficaz” e “Receita de assassinato (de baratas)” funcionam como embriões dos textos seguintes, o conto “A quinta história” e o romance *A paixão segundo G.H.*, os quais confirmam um processo de amplificação nas narrativas claricianas.

O primeiro capítulo, “Entre espelhos”, trata da intertextualidade, conceito concebido e difundido pela semióloga búlgara Julia Kristeva (2005, p. 68), a partir dos escritos de Mikhail Bakhtin: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. O intertexto, argumenta Alonso (2017, p. 29), caracteriza-se como um efeito de leitura e se define pela percepção que o leitor tem das relações de uma obra com outras que a precederam ou a seguiram.

Além de Kristeva, são mencionados ainda nessa parte, Roland Barthes, Antoine Compagnon, Jorge Luis Borges, Laurent Jenny

e Gérard Genette, que retomaram e ampliaram o conceito de intertextualidade. Genette, por exemplo, denomina de transtextualidade a tudo o que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros e sustenta que há duas possibilidades de transformação textual que colocam em ordem duas operações, que são a redução e o acréscimo ou amplificação.

Em seguida, o capítulo prossegue com ponderações a respeito da *mise en abyme*, uma das formas da intertextualidade, que nos textos de Lispector se configura como um tecer e destecer de textos, que se alinhavam pela proliferação de imagens e motivos, que retornam obsessivamente.

Partindo de observações de André Gide sobre os brasões, que contêm em seu centro espécies de miniatura de si mesmos e indicam “um processo de profundidade e infinito”, sugerindo, “no campo literário, noções de reflexo e espelhamento” (Alonso, 2017, p. 41), o vocábulo “abyme” alude ao centro do escudo, no qual as peças aí inseridas portam dimensões menores e desvelam um espaço para a miniaturização de figuras. Dällenbach retoma as proposições de Gide e

A fim de explicar e tornar mais clara a especularidade da figura heráldica tomada por Gide, Dällenbach atenta para as comparações à exaustão com as bonecas russas e as caixas chinesas, as quais se engendram umas às outras, bem como as pirâmides mexicanas, que se encaixam e se refletem mutuamente; os cartazes publicitários, reproduzindo seus motivos ao infinito e em perspectiva e ainda a famosa fita de Moebius, cujas faces interna e externa permutam-se, invertendo sua identidade. (Alonso, 2017, p. 44)

O estudioso referido elabora sua tipologia da *mise en abyme* baseado no modelo de Roman

Jakobson de comunicação linguística, que é constituído pelo enunciado, pela enunciação e pelo código. Essa técnica implica no desnudamento do processo de criação artística da obra literária e pode se admitir a imagem do prisma em substituição à do espelho para a interpretação de textos ficcionais, de acordo com o que preconiza Véronique Labelle (2011).

No segundo capítulo, “Embriões de textos, cirandas de baratas”, Alonso demonstra que as crônicas “Meio cômico, mas eficaz” e “Receita de assassinato (de baratas”, as quais foram publicadas em jornais e revistas, em diferentes datas, e que fornecem uma receita para matar baratas são estruturas embrionárias do conto “A quinta história” e do romance *A paixão segundo G.H.* Além disso, comprova que a presença do motivo das baratas marcou o imaginário da escrita de Clarice Lispector, em distintos momentos do seu fazer literário.

“Matemática de espelhos ou A quinta história” é o título do capítulo terceiro de *O jogo dos espelhos na ficção de Clarice Lispector*. Nele, observa-se que o conto “A quinta história” é, em grande medida, uma ampliação da crônica “Receita de assassinato (de baratas)”, no qual se constata uma variação sobre o mesmo argumento que se conforma através do desdobramento de histórias que se sucedem, a partir de uma ideia central que é a de matar baratas e revela a presença do lúdico nessa reescrita empreendida pela autora de *Perto do coração selvagem*.

O caráter de ludicidade, pondera Alonso (2017, p. 169 e 178), da narrativa clariciana permite estabelecer aproximações das narrativas de Clarice Lispector com a proposta do grupo artístico francês OULIPO (*Ouvroir de Littérature Potentielle* – Atelier de Literatura Potencial). A escrita oulipiana, cujos exemplos

são *Exercícios de estilo*, de Raimond Queneau (1995), *O castelo dos destinos cruzados* e *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino (1969, 1972), *Avalovara*, de Osman Lins (1973), “O jardim de veredas que se bifurcam”, de Jorge Luis Borges (1941), *Rayuela*, de Julio Cortázar (1963), revela-se aleatória e criativa, na medida em que postula o engenho do escritor moderno ao considerá-lo como um criador original, que trabalha por meio de restrições e códigos.

Dessa maneira, é plausível vislumbrar certos pontos de contato entre as proposições oulipianas e o conto “A quinta história”, uma vez que nele encontramos um “organismo vivo”, um código de leitura pautado pela repetição das histórias, que mobiliza, segundo Alonso (2017, p. 178), um enredo de infinitas geminações, de modo bastante semelhante aos exercícios de estilo de Raimond Queneau, e o enredo do conto clariciano abre-se, assim, para uma infinidade de leituras correspondentes às histórias que se engendram nele.

Finalmente, o quarto capítulo, “Uma fita de Moebius ou *A paixão segundo G.H.*”, abrange a análise desse romance e as suas imbricações com o conto “A quinta história”. Verifica-se que persiste a imagem da barata, presente em outros textos claricianos e que a sua protagonista percorre um caminho difícil para adentrar o quarto da empregada Janair, o armário e, finalmente a barata. Dessa forma, “a arquitetura *en abyme* ganha contornos mais nuançados, vertiginosamente inserindo a imagem de um espaço dentro de outro” (Alonso, 2017, p. 224).

Tal qual uma fita de Moebius, o enredo de *A paixão segundo G.H.* alinhava o conteúdo e o contido, o interior e o exterior, pois sua escrita obedece internamente a uma aura de repetição, anunciada na estrutura desde o

prólogo da obra, através do encadeamento das frases, ademais de propor ao leitor possibilidades operatórias de um modo de ler o texto, e esse procedimento narrativo repetitivo também se aproxima da imagem do “Uroboro”, a serpente que devora a própria cauda (Schwartz, 1981, p. 17-18, Dällenbach, 1991, p. 177-178), desvelando uma narrativa que volta-se, sempre, sobre si mesma.

Na conclusão do alentado estudo proposto por Alonso, é ressaltado que os textos “Meio cômico, mas eficaz”, “Receita de assassinato (de baratas)”, “A quinta história”, *A paixão segundo G.H.* são partícipes de um jogo vertiginoso e labiríntico, que possibilita acompanhar o trajeto de peças deslocadas pela escritora Clarice Lispector, que partem das duas primeiras crônicas e são reelaboradas e ampliadas até se transformarem em um conto e até em um romance. Tais narrativas mantêm relações especulares que constituem percursos infinitos e desafiam e instigam os seus leitores e são um convite para um mergulho na obra clariciano, sempre tão prenhe de significados e possibilidades de interpretação.

O livro de Mariângela Alonso é uma contribuição relevante para a fortuna crítica de Clarice Lispector e também para os estudos acerca da *mise en abyme* e suas manifestações no âmbito literário. Seguramente, é uma obra que se recomenda para professores e estudantes da área de Letras, mas pode também ser interessante para pesquisadores de outros campos do saber, uma vez que a referida técnica pode ser vislumbrada no cinema, em jogos digitais, em cartazes publicitários.

O assunto tratado por Alonso ainda conta com poucos estudos de fôlego, pois na maioria das vezes, o que se nota é que há artigos esparsos

que abordam o artifício da construção *en abyme*, mas todo aquele que quiser se dedicar ao seu estudo vai deparar-se com poucos livros que se aprofundem nessa modalidade. Localizado no âmbito da intertextualidade, “o fenômeno da *mise en abyme* pauta-se no trabalho de resgate de textos de um mesmo autor, reescrevendo-se em outro texto, no movimento de remissão à própria obra, dando origem à chamada autotextualidade ou intratextualidade” (Alonso, 2024, p. 3), conforme se vislumbra nas ponderações precisas e bem acuradas ao longo de todas as páginas de *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector*, aclarando para o público leitor brasileiro aspectos teóricos importantes a respeito da técnica da *mise en abyme*, a qual conta com obras teóricas e artigos que, em sua maior parte, foram escritos em língua francesa.

Estas já seriam razões suficientes para se incentivar a leitura do estudo de Mariângela Alonso, mas cumpre acrescentar ainda, que no livro em epígrafe, são realizadas também análises primorosas a respeito do *corpus* de textos selecionados para a proposta analítica levada a cabo e apoiadas em um instrumental teórico relevante e atualizado, e que são plasmadas em uma escrita clara, objetiva e que podem ser lidas prazerosamente tanto por aquele leitor crítico ou “ruminante”, nas palavras de Machado de Assis em *Esaú e Jacó*, quanto por aquele que lê por prazer, o tão afamado “desocupado” leitor a que se referia Miguel de Cervantes no seu memorável *Dom Quixote*.

Referências

ALONSO, Mariângela. Um caleidoscópio de baratas: a narrativa especular de Clarice Lispector. **Revista Literatura em Debate**, v. 6, n. 11, p. 15-31, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/641/1188>. Acesso em: 02 fev. 2025.

ALONSO, Mariângela. Confusões de escala e espelhamentos em *Instantâneo da desmedida*, de Vilma Arêas. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, (62), 1–11, 2021. <https://doi.org/10.1590/2316-40186211>. Acesso em: 02 fev. 2025.

ALONSO, Mariângela. O espelhamento na ficção do século XX. **Revista EduFatec: educação, tecnologia e gestão**, v. 2, n. 5 – agosto-dezembro/2022. Disponível em: <https://revistaedufatec.fatecfranca.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/edufatec-n05v2a03.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2025.

ALONSO, Mariângela. *Mise en abyme: “a que será que se destina?”*. **Falas Breves**, n. 13, maio de 2024a. Disponível em: <https://www.falabreves.ufpa.br/index.php/revis-ta-falas-breves/article/view/338/272>. Acesso em: 02 fev. 2025.

ALONSO, Mariângela. **Mulheres em abismo**: a personagem feminina em Marques Rebelo. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024b.

DÄLLENBACH, Lucien. **El relato especular**. Traducción de Ramón Buenaventura. Madrid: Visor, 1991.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Enredando-se no tapete de Clarice Lispector. In: ALONSO, Mariângela. **O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017. p. 11-15

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 65-95. (Debates; 84)

LABELLE, Véronique. Manipulation de figure: le miroir de la *mise en abyme*. **Figura**, n. 27. Montréal: Centre de recherche sur le texte et l'imaginaire. 2011, p. 89-104. Disponível em: <https://wp.oic.uqam.ca/wp-content/uploads/2013/06/06.veronique-labeille-manipulation-figure.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SCHWARTZ, Jorge. **Murilo Rubião**: a poética do uroboro. São Paulo: Ática, 1981. (Ensaaios; 74)